


INSTITUTO	
	
<b>Documentação</b>	
Fonte	0 W030
Data	06/10/2001 Pg 10
Class.	45

# Encefalites rondam o Vale do Ribeira

Região vive o trauma da epidemia de Rocio, que matou 92 nos anos 70

Rubens Valente

• IGUAPE (SP). Na região mais pobre no interior de São Paulo, onde vivem cerca de 330 mil pessoas, o Vale do Ribeira, vírus ameaçadores circulam silenciosamente entre roedores, pássaros e mosquitos nos mais de um milhão de hectares remanescentes da Mata Atlântica e da Serra do Mar.

Ao longo dos últimos 20 anos, os especialistas em arbovírus (vírus transmitidos por insetos) têm feito diversos alertas sobre a presença na região de tipos incomuns causadores de graves encefalites, que podem levar à morte e, a qualquer momento, dar início a uma nova grande epidemia como a do vírus Rocio, que matou 92 pessoas na região entre março de 75 e julho de 78.

## Segundo pesquisador, controle é precário

Pela primeira vez, o serviço médico da região enfrentava uma epidemia provocada por arbovírus de proporções dramáticas, ainda hoje considerada a maior do gênero no país. É de muitos desses profissionais que estudaram os erros e acertos na tragédia do Rocio que parte o alerta sobre a presença dos vírus de encefalites diversas no vale.

— O Rocio ainda hoje mata no vale sem que se tenha o diagnóstico correto. O controle epidemiológico é bastante precário. E há muitas mortes sequer sem diagnóstico — alerta o médico Aluísio Bichir,

de Bertioga (SP), que em 1996 já havia feito a advertência.

No estudo para o mestrado em saúde pública pela USP, em 96, Bichir analisou 40 casos prováveis de encefalites registrados entre 83 e 93 no Vale do Ribeira, na Baixada Santista e em municípios limítrofes. O índice de letalidade desses casos foi espantoso: 60%.

O estudo de Bichir mostrou como o controle epidemiológico

é falho na região. Para 13 desses casos não houve sequer pedido de exame sorológico para arbovírus; para outros 14 não houve exame de líquido encefálico, que pode indicar a presença de arbovírus; e em apenas oito mortes (do total de 24) foram realizados exames patológicos — ainda assim, o exame não passou de descrições macroscópicas dos órgãos examinados.

Aluísio Bichir estendeu seu interesse à análise de 4.300 testes sorológicos feitos pelo Instituto Adolfo Lutz em amostras coletadas de moradores da região ao longo dos anos. O médico descobriu dois casos confirmados de infecção arboviral aguda pelos vírus Mucambo e Ilhéus, que podem ser chamados de parentes do Rocio e provocam encefalites igualmente agudas e letais.

## Rocio pode ressurgir, diz pesquisadora

A pesquisa de Bichir apontou a existência, em muitos desses 4.300 moradores, de anticorpos para vários arbovírus que podem agir no sistema nervoso central, como o da Encefalite Equina Venezuelana e as encefalites de Saint Louis e Ilhéus. Além do Rocio.

— Não acho que está excluída a possibilidade de o Rocio ressurgir. Muitos arbovírus têm esse comportamento: desaparecem tão rápido quanto surgem, e depois voltam. É preciso uma vigilância epidemiológica constante — afirma uma das maiores especialistas no assunto, Lygia Busch Iversson, da USP.

O superintendente de Controle de Endemias do Estado, Luiz Jacyntho, diz que o monitoramento epidemiológico vem sendo feito, mas não descarta o risco do ressurgimento de uma epidemia do Rocio.

— O vírus circula entre os bichos e talvez um dia ele se aproxime das cidades novamente — disse Silva. ■

## Rocio foi o pesadelo dos infectologistas

Sintomas parecidos com os da meningite

• SÃO PAULO. A epidemia do Rocio que atingiu o Vale do Ribeira na década de 70 tornou realidade, em poucos dias, os piores pesadelos dos infectologistas. Os médicos enfrentaram um vírus totalmente desconhecido e altamente agressivo, que podia matar em questão de dias. Os doentes viviam em locais afastados na zona rural e muitos já chegavam aos hospitais em estado grave.

O Rocio veio à tona na pior hora possível. Havia uma epidemia de meningite meningocócica em São Paulo, que também matou centenas de pessoas e atraía a atenção do serviço de controle epidemiológico. Nos primeiros meses, dezenas de pessoas podem ter morrido de encefalite provocada pelo Rocio porque tiveram seus casos diagnosticados como meningite.

— Os sintomas das duas doenças era semelhantes. Os médicos ficavam perplexos. Os pacientes não respondiam ao tratamento para a meningite e o exame do líquido não revelava pus ou bactérias. Logo que a epidemia do Rocio surgiu, a letalidade foi muito alta — conta o infectologista da Escola Paulista de Medicina (EPM) Arary Tiriba, que leciona há 50 anos na área de doenças infecciosas.